



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MARIA DE LOURDES BORGES DE MELO

**INVESTIGAÇÃO SOBRE AS CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR EM TURMAS DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) DE UMA ESCOLA DA REDE
ESTADUAL DE ENSINO DE JOÃO PESSOA/PB**

**JOÃO PESSOA
2014**

MARIA DE LOURDES BORGES DE MELO

**INVESTIGAÇÃO SOBRE AS CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR EM TURMAS DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) DE UMA ESCOLA DA REDE
ESTADUAL DE ENSINO DE JOÃO PESSOA/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Fundamentos da Educação.

Prof^a. Dr^a. Valdecy Margarida da Silva
Orientadora

**JOÃO PESSOA
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica.

Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação

M528i Melo, Maria de Lourdes Borges de

Investigação sobre as Causas da Evasão Escolar em Turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma Escola da Rede Estadual de Ensino de João Pessoa/PB [manuscrito] : / Maria de Lourdes Borges de Melo. - 2014.

56 p. : il.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva, Departamento de Educação".

1.Evasão escolar. 2.Políticas Públicas. 3.Educação de Jovens e Adultos. I. Título.

21. ed. CDD 371.2913


MARIA DE LOURDES BORGES DE MELO

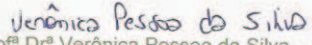
INVESTIGAÇÃO SOBRE AS CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR EM TURMAS
DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) DE UMA ESCOLA DA
REDE ESTADUAL DE ENSINO DE JOÃO PESSOA/PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Especialização em Fundamentos
da Educação: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares, da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial para a
obtenção do título de especialista.

João Pessoa, 26 de abril de 2014.


Profª Drª Valdecy Margarida da Silva – UEPB
Orientadora


Profª Drª Maria José Guerra – UEPB
Examinadora


Profª Drª Verônica Pessoa da Silva – UEPB
Examinadora

Ao meu esposo, José Francisco de Melo, que muito me incentivou a caminhar em busca do conhecimento

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado forças para concluir essa especialização quando, por diversas vezes, principalmente no início do curso, pensei em desistir e, graças ao seu poder, consegui superar as dificuldades e ter êxito em meus objetivos.

Às minhas filhas Camila e Patrícia, que muito me ajudaram durante todo o decorrer do Curso, principalmente nas atividades relacionadas à EAD. Agradeço pelo incentivo e apoio que sempre me deram no sentido de fazer essa Especialização, como também por toda ajuda que delas recebi na realização desta monografia. Sou grata, também, ao meu filho Bruno que, mesmo morando um pouco distante, sempre que pôde também me ajudou. Sou eternamente grata a todos vocês por ter realizado mais esse sonho.

Um agradecimento carinhoso à professora orientadora Valdecy Margarida da Silva, pela receptividade quando a procurei, pelo apoio incondicional, pela compreensão e paciência nas orientações. Ainda, por ter me dedicado o seu tempo e ter compartilhado, comigo, as suas experiências, que foram de fundamental importância para a realização deste trabalho.

A todos os mestres que, de forma bem particular, souberam passar os seus ensinamentos que se somaram aos meus conhecimentos. Às amigas do Curso de Especialização, em especial à Penha Araújo, Consuelo, Lourdes Brito e Socorro Pereira, que caminharam comigo desde o início do Curso e que com elas sempre pude contar.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desse sonho.

Muito obrigada!

RESUMO

A evasão escolar se apresenta, hoje, no Brasil, como um problema sério e de grande relevância no contexto educacional. Atinge não somente uma determinada localidade, ou uma determinada modalidade de ensino, mas todo o território nacional, posto que alcança, principalmente, as classes menos privilegiadas visto que um dos principais motivos que leva o aluno a evadir-se da escola é a necessidade de trabalhar para ajudar financeiramente a família ou, quando casado, responsabilizar-se por todas as despesas da casa, tornando-se, dessa forma, quase que inviável a sua frequência e permanência na escola. Este problema ainda é maior no turno da noite quando a maioria dos alunos é de jovens e adultos que trabalham. O objetivo desta pesquisa é investigar os motivos que levam à evasão escolar na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Luzia Simões Bartollini, localizada na cidade de João Pessoa na Paraíba. Para tanto, procedeu-se uma revisão da literatura sobre as políticas públicas na área da educação de jovens e adultos e sobre evasão escolar, bem como foi aplicado um questionário a um grupo de dezessete alunos das turmas da EJA que desistiram, e voltaram a estudar, dos quais cinco são alunos da oitava EJA do Ensino Fundamental II e doze alunos do segundo ano EJA do Ensino Médio. Também foi aplicado um questionário aos professores para saber a opinião deles a respeito da evasão dos alunos do turno da noite. A pesquisa, de caráter exploratório, ressalta a importância de serem elaboradas políticas de inclusão desses alunos para que haja a diminuição da evasão nas escolas.

Palavras-chave: Evasão escolar. Políticas Públicas. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

The school evasion presents, today, in Brazil, as a serious problem and of big relevance in the educational context. It reaches not only a determinate place, or a determinate teaching modality, but all the national territory, though it reaches, mainly, the less privileged social classes, inasmuch as one of the mainly reasons that takes the student to make off school is the necessity of working to help financially it's family, or, if married, blame itself for all the home outlay, becoming, thus, almost impossible to keep it's frequency and permanence at school. This problem is still bigger the night shift, when the biggest part of students is formed of young and adult people that work. This search's goal is to investigate the reasons that take to school evasion at Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Luzia Simões Bartollini, located in João Pessoa city, in Paraíba. For both, proceeded a literature review of public policies in young and adult education, as well as was applied a questionnaire to a seventeen students group of YAE classes that gave up and came back to study, which five of them are from octave YAE Basic Education II and twelve students from YAE High School second year. Also was applied a questionnaire to teachers to know them opinion about students' night shift evasion. The search, of expository character, emphasizes the importance to being elaborate inclusion policies of these students so that there the school evasion decrease.

Key-words: School evasion. Public policies. Young and adult education.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa etária dos alunos da EJA	30
Gráfico 2 – Renda Familiar dos alunos da EJA.....	30
Gráfico 3 – Aluno em exercício de algum tipo de trabalho	31
Gráfico 4 – Índice de Repetência dos alunos do EJA	32
Gráfico 5 – Motivos da Evasão Escolar.....	33
Gráfico 6 – Motivos da Volta aos Estudos dos Alunos da EJA	34
Gráfico 7 – Merenda Escolar.....	38
Gráfico 8 – Espaço Físico Escolar	39
Gráfico 9 – Formação Específica dos Professores para trabalho com a EJA	40
Gráfico 10 – Dificuldades Enfrentadas para o trabalho com a EJA.....	42
Gráfico 11 – Recursos Didáticos Utilizados pelos Professores.....	43
Gráfico 12 – Evasão Escolar nas turmas da EJA na Visão dos Professores	45

LISTA DE QUADROS

Quadro I – 2011	47
Quadro II – 2012	47
Quadro III – 2013	47

SUMÁRIO

Formatado: Fonte: (Padrão) Arial, 12 pt, Negrito

1 INTRODUÇÃO	10
2 CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA EVASÃO ESCOLAR.....	13
2.1 SOBRE A RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO	18
3 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CAMINHOS E DESCAMINHOS	21
3.1 SOLUÇÕES POSSÍVEIS PARA MINIMIZAR A EVASÃO ESCOLAR NA EJA.....	24
3.2 DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFESSORES DA EJA NO BRASIL	26
4 POR QUE OS ALUNOS EVADEM-SE DA ESCOLA? UMA ANÁLISE DAS CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR.....	29
4.1 O PERCURSO DA PESQUISA	29
4.2 COM A PALAVRA... OS ALUNOS.....	32
4.3 COM A PALAVRA... OS PROFESSORES	40
4.4 MOSTRANDO A TAXA DE EVASÃO NAS TURMAS DA EJA NO TURNO DA NOITE – 2011 – 2012 E 2013.....	46
5 CONCLUSÕES	48
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS	52
APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES	54

1 INTRODUÇÃO

A evasão escolar é um problema crônico em todo o Brasil, sendo muitas vezes passivamente assimilada e tolerada por escolas e sistemas de ensino, que chegam ao cúmulo de admitirem a matrícula de um número mais elevado de alunos por turma do que o adequado, num procedimento que leva em consideração a “desistência” de muitos ao longo do ano letivo.

Os problemas cognitivos dos educandos, a falta de estrutura familiar, a necessidade de trabalhar, como também a baixa autoestima dos alunos, por não encontrarem, nas escolas, professores com práticas pedagógicas atrativas, nem conteúdos que atendam às suas necessidades, são considerados fatores que, somados, colaboram com a alta taxa de evasão nas escolas não só da região Nordeste como também de todo o país. Na sua maioria, os alunos da EJA possuem condições socioeconômicas baixas, de modo que esta é uma condição que os levam, muitas vezes, a evadir-se da escola; motivo que faz com que eles prefiram o trabalho a continuar na escola. São jovens e adultos que, na maioria das vezes, integram os únicos responsáveis pelas despesas da casa, e trabalhar é a única opção para a sobrevivência da família.

O que se percebe é que o número de vagas nas escolas públicas tem aumentado, mas não houve uma preocupação com a qualidade do ensino. A má qualidade do ensino contribuiu para que um contingente de crianças e adolescentes não lograssem êxito com os estudos, gerando, assim, o fracasso escolar e a repetência. Nesses casos, o aluno não encontra mais sentido para frequentar a escola, o que gera o abandono dos estudos.

Não basta atrair alunos para a sala de aula, o mais interessante é buscar alternativas que façam com que cheguem à escola na idade certa e nela possa permanecer com todas as condições para que ocorra uma aprendizagem plena, de modo que não sejam motivados a abandonar a escola, para que se evite, portanto, que essa criança e esse adolescente abandonem a escola e voltem, mais tarde, se sentindo, muitas vezes, excluídos do processo.

Vive-se, hodiernamente, numa sociedade capitalista em que a escolarização aparece como pré-condição para a sobrevivência do ser humano na sociedade. As pessoas são obrigadas a trabalhar como forma de prover sua subsistência e, ao

mesmo tempo, têm que batalhar por instrumentos que os levem até o trabalho, de modo que a escola é um desses instrumentos. No entanto, as pessoas se deparam com uma contradição: enquanto o trabalho exige do trabalhador certo nível de escolaridade, este mesmo trabalho aparece muitas vezes como uma barreira para o aluno continuar seus estudos, fato este que contribui para a evasão escolar; visto que o horário de trabalho, na maioria das vezes, não é compatível com o horário das aulas.

Uma outra questão que é importante discutir nos casos de evasão escolar é que a relação professor-aluno também é essencial, posto que, quando harmônica, é significativamente motivadora para que o aluno permaneça na escola, posto que se sente acolhido, o que vai refletir na qualidade da sua aprendizagem.

Ante a reduzida frequência do alunado do turno da noite nas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), sentiu-se a necessidade de se compreender porque tantos alunos evadem-se da escola. A realidade mostra que enquanto muitos só fazem a matrícula e não chegam a frequentar nenhum dia, outros aparecem, apenas, nas primeiras semanas e, em alguns casos, há apenas algumas semanas do término do semestre (que corresponde ao ano letivo), evadem-se da escola sem nenhuma justificativa.

Considerando tal problemática, objetivou-se investigar quais são os motivos que levam à evasão escolar, especialmente nas turmas de EJA de uma escola da rede estadual de João Pessoa/PB. Para tanto, procedeu-se uma revisão da literatura, bem como foi aplicado um questionário com alunos das turmas da Educação de Jovens e Adultos com o escopo de identificar os motivos que levam à evasão escolar. A pesquisa, de caráter exploratório, ressalta a necessidade de um olhar mais atencioso para as causas da evasão escolar e para a urgência de se traçar metas que garantam a permanência dos alunos na escola, ou seja, em políticas de inclusão e, conseqüentemente, práticas pedagógicas inclusivas.

O presente trabalho monográfico está dividido em três capítulos centrais. Depois do primeiro capítulo, que é introdutório da temática perscrutada, o segundo capítulo aborda as causas e as conseqüências da evasão escolar e como a infrequência pode afetar não só a vida do aluno e da sua família, mas de toda a sociedade que deve repensar o modelo de escola e trabalhar na perspectiva da inclusão. O terceiro capítulo trata da formação do professor, que é necessária para uma boa prática pedagógica, especialmente se se levar em consideração a

especificidade da modalidade EJA. Observou-se que o descaso nesse sentido é muito grande, e que cabe ao poder público tomar providências e planejar políticas educacionais que contemplem a formação do professor da EJA nas universidades públicas brasileiras. Ainda neste capítulo, algumas soluções são apontadas e que visam a diminuir a evasão nas salas de aula; destacam-se, principalmente, as práticas diferenciadas dos professores como ponto essencial de frequência e permanência do aluno no ambiente escolar. No quarto e último capítulo, foram analisadas as respostas dadas por alunos e professores da escola ao questionário aplicado; encerrou-se, esse capítulo, com uma análise acerca da taxa de evasão da escola onde foi realizada a pesquisa. Encerrou-se o trabalho mediante as considerações finais.

2 CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA EVASÃO ESCOLAR

São várias e diversas as causas da evasão escolar ou que levam à infrequência do aluno; no entanto, ao considerar-se os fatores determinantes da ocorrência dos fenômenos, pode-se classificá-las, agrupando-as da seguinte maneira: escola não atrativa; autoritária; professores despreparados; insuficientes; ausência de motivação etc; aluno desinteressado; indisciplinado; com problema de saúde; gravidez; etc; problemas sociais como trabalho com incompatibilidade de horário para os estudos, agressão entre os alunos, violência em relação às gangues etc. De acordo com Ferreira ([200-?]), a evasão escolar se verifica em razão do somatório de vários fatores, e não, necessariamente, de um especificamente.

Paulo Freire (1988, apud DIOGO et al, 2014) diz que os alunos desmotivados na escola encontram a razão para tanto fora dela. Para esses alunos, diante dos atrativos da vida em sociedade, a escola passa para o segundo plano, ou muitas vezes não ocupa lugar algum. Ainda, fora do cenário escolar, está à espera do aluno a cultura de consumo, que manipula o hábito dos sujeitos, a cultura subjetiva do sexo, da amizade, dos esportes, das drogas e da música. É necessário considerar que a escola se mantém atrasada, sem inovação, sem condições de competir com o mundo social. Para a escola ganhar neste jogo é preciso criatividade e inovação nas suas metodologias.

De um modo geral, a faixa etária em que se encontram os alunos da EJA é a mais propícia a comportamentos de risco. Daí a importância do trabalho realizado pela escola que não deve estar preocupada apenas com a transmissão dos conteúdos pedagógicos, mas deve ter, também, como papel fundamental, oferecer uma educação de qualidade, ao criar condições necessárias para que esses jovens passem a ver a escola como um espaço atraente e prazeroso que possam frequentar, e não apenas como uma obrigação.

De acordo com Azevedo ([200-?], p. 22), os fatores que causam a evasão escolar são diversificados, e provêm da institucionalização da escola, que, concebida como instituição, desde sua gênese tem sido objeto de importação e de transplante cultural, dado o modelo socioeconômico do Brasil, nação dependente cultural e economicamente de países desenvolvidos.

Azevedo ([200-?], p. 27) diz que as causas da evasão escolar são muitas e que algumas delas envolvem um contexto social maior e impossível de ser resolvido na instituição escolar, no entanto, se a escola conseguisse eliminar os problemas relacionados a ela, haveria um considerável avanço.

De acordo com Santos M. A. (2007, apud Oliveira, 2013 p. 5), é importante pensar o trabalho pedagógico da EJA de forma que o educando participe do desenvolvimento da sociedade. Sendo assim, os educadores têm a responsabilidade de criar uma dinâmica metodológica que atinja o interesse do educando, de maneira que a escola recupere seu objetivo social e combata o fracasso escolar, a repetência e a “evasão”. Ela chama a atenção para o fato de que o aluno da EJA é um aluno diferente, um pouco inseguro e são as diversas derrotas vividas ao longo de um processo escolar, muitas vezes iniciado no ensino regular, que abalarão sua auto-estima.

Para a autora, qualquer decepção sofrida na escola, por mínima que seja, faz com que este sujeito abandone o ambiente escolar. É neste contexto que a relação professor-aluno surge como peça fundamental, por ser o professor a pessoa mais próxima do aluno, a que lhe confere todo suporte necessário que possa elevar a sua autoestima, desde o momento em que ele valoriza uma atividade realizada pelo aluno, como até mesmo ao dar oportunidade para que este aluno possa se expressar de modo que seja ouvido pelo professor.

Para Ferreira ([200-?]), a intervenção feita para evitar a ocorrência da evasão escolar ou infrequência do aluno deve se realizar quando se constata que a ausência do aluno pode comprometer o ano letivo, ou seja, a intervenção tem que ser preventiva para não prejudicar ainda mais o aluno. O autor argumenta que o principal agente do processo para o combate à evasão escolar é o professor, face ao seu contato direto e diário com o aluno, cabendo a este diagnosticar quando ele falta às aulas sem justificativa, e iniciar o processo de resgate.

Em seus estudos, Sousa (2011, p.26) destaca alguns fatores para a evasão escolar, dentre eles está a necessidade de trabalhar para ajudar a família e também para seu próprio sustento; o ingresso na criminalidade e na violência; o convívio familiar conflituoso e a má qualidade do ensino. De acordo com essa autora, a evasão escolar está relacionada não apenas à escola, mas também à família, às políticas de governo e ao próprio aluno.

Para Digiácomo ([200-?]), são várias as causas da evasão escolar, vão desde a necessidade que o aluno tem de trabalhar, como forma de complementar a renda da família, até a baixa qualidade do ensino, que desestimula o aluno a frequentar as aulas. Via de regra inexistem, salvo honrosas exceções, mecanismos efetivos e eficazes de combate à evasão escolar tanto em nível de escola quanto em nível de sistema de ensino, seja municipal, seja estadual. Fomenta-se a luta no combate à evasão escolar com uma educação de qualidade, com professores capacitados, valorizados que se sintam estimulados a cumprir com o seu papel de educar. É necessário, também, que a escola apresente “um ambiente propício ao estudo e à aprendizagem, no qual o aluno se sinta estimulado a permanecer e a aprender”. (DIGIÁCOMO, [200-?], p. 4).

O problema da evasão escolar, assim como o da repetência, é considerado um dos maiores desafios enfrentados pelas escolas públicas no Brasil, posto que são vários os determinantes que levam os jovens e adultos a se evadirem das escolas, como a necessidade de trabalhar, dificuldade de aprendizagem, gravidez na adolescência, saúde na família e, também, falta de interesse dos alunos; além de fatores relacionados à escola, em que professores, com suas práticas ultrapassadas, têm levado muitos alunos a não se interessarem mais pelos estudos.

A articulação entre formação geral e profissional é apontada, na visão de Di Pierro et al. ([200-?]), como um grande problema na educação de jovens e adultos. A autora afirma que a principal motivação declarada pelos estudantes em sala de aula é a melhoria profissional e ocupacional. Neste sentido, afirma a autora:

[...] ainda que o trabalho venha perdendo a centralidade que teve no passado recente na construção das identidades dos sujeitos e grupos sociais, ele continua a ser um fator importante nessa construção, especialmente nas camadas sociais em que ele é a fonte exclusiva para prover os meios de subsistência (DI PIERRO et al, 2001, p. 72).

Frise-se que a contração das vagas de trabalho e o correspondente acirramento da competição no mercado laboral, hodiernamente, só veio tornar mais explícitas e urgentes as necessidades pela qualificação profissional das pessoas adultas. Tal necessidade faz com que muitos jovens e adultos voltem às salas de aula na modalidade EJA a fim de obter um certificado como título de conclusão, seja fundamental ou médio, para conseguir um trabalho. Mas aí surge um dos grandes

desafios enfrentados por eles, que é tentar conciliar o trabalho com o estudo, fato que os levam, muitas vezes, a abandonar a escola porque não conseguem conciliar as atividades laborais e acadêmicas.

Vive-se numa sociedade capitalista em que a escolarização aparece como pré-condição para a sobrevivência do ser humano. As pessoas são obrigadas a trabalhar como forma de prover sua subsistência e, ao mesmo tempo, têm que batalhar por instrumentos que as levem até o trabalho, de modo que é a escola um desses instrumentos. No entanto, as pessoas se deparam com uma contradição: enquanto o trabalho exige do trabalhador um certo nível de escolaridade, este mesmo trabalho aparece muitas vezes como uma barreira para o aluno continuar seus estudos, fato que contribui para a evasão escolar, visto que o horário de trabalho, na maioria das vezes, não consegue ser compatível com seus estudos.

Para Cardoso ([200-?]), embora já se tenha conhecimento das proposições e dos objetivos das funções a ser desenvolvidas, a escola continua a reproduzir valores sociais e culturais não condizentes com os contextos vividos pela maioria de seus alunos. Advoga-se, aqui, que essa realidade acarreta sanções ao conhecimento sistematizado, as quais impedem que os conteúdos científicos sejam desenvolvidos de forma mais objetiva e contextualizada. Tais sanções resultam na falta de sentido entre o que é trabalhado na escola e as tarefas práticas que as crianças, jovens e adultos tentam realizar cotidianamente à sua função educativa de socializar o conhecimento público de uma forma mais direcionada, com relação à funcionalidade prática dos conteúdos escolares na vida de seus aprendizes.

Segundo Digiácomo ([200-?]), as consequências da evasão escolar podem ser sentidas com mais intensidade nas cadeias públicas, penitenciárias e centros de internação de adolescentes em conflito com a lei, nos quais os percentuais de presos e internos analfabetos, semianalfabetos e/ou fora do sistema de ensino, quando da prática da infração que os levou ao encarceramento, margeia e, em alguns casos, supera os 90% (noventa por cento).

De acordo com Digiácomo ([200-?]), é a falta de educação, no sentido mais amplo da palavra, e de uma educação de qualidade que seja atraente e não excludente – e não a pobreza em si considerada –, a verdadeira causa do vertiginoso aumento da violência que o Brasil vem enfrentando nos últimos anos. Daí a necessidade de um debate mais intenso para que se possam encontrar meios aptos a evitar que os alunos deixem de frequentar a escola.

Nas palavras de Digiácomo ([200-?]), o combate à evasão escolar, nessa perspectiva, também surge como um eficaz instrumento de prevenção e combate à violência e à imensa desigualdade social que assola o Brasil, fato que beneficia, assim, toda a sociedade.

Ao perscrutar as razões que levam à evasão escolar, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) realizou uma pesquisa entre os anos de 2004 e 2006, o qual foi divulgada em 2009. A pesquisa revela que 40% dos jovens de 15 a 17 anos que se evadem deixam de estudar simplesmente porque acreditam que a escola é desinteressante. A necessidade de trabalhar é apontada como o segundo motivo pelo qual os jovens evadem-se, com 27% das respostas, e a dificuldade de acesso à escola aparece com 10,9%. De acordo com o coordenador da pesquisa, Marcelo Neri,

[...] o que a pesquisa está mostrando é que não basta garantir o acesso ou criar programas de transferência de renda para assegurar que esse jovem permaneça na escola. É preciso torná-la mais atrativa, interessante e cativante. O problema da evasão é grave, e atinge quase 20% da população de 15 a 17 anos. (FGV, 2009)

Marcelo Neri diz, ainda, que

[...]podemos ganhar todas as batalhas pela melhoria da qualidade da educação, adotando as melhores práticas educacionais, mas se não conseguirmos convencer os principais protagonistas – que são as crianças, os adolescentes e seus pais, vamos perder a guerra. (FGV, 2009)

Na avaliação de Wanda Engel, superintendente executiva do Instituto Unibanco, uma das organizações que patrocinam o estudo, esses dados refletem uma situação preocupante, visto que:

As pessoas não estão atentas a esse problema, nem os governos, nem a opinião pública, nem a mídia, não se deram conta de que isto é uma bomba relógio. Estamos alimentando a exclusão desses jovens da entrada no mercado de trabalho moderno e, pior do que isso, excluindo o país de condições de competitividade no mercado internacional.(FGV, 2009)

De acordo com essa pesquisa, a falta de interesse do aluno aparece como o maior motivo da evasão escolar no Brasil, cabendo, à escola, uma responsabilidade

muito grande em procurar estratégias que levem esses alunos a se interessarem outra vez pelos estudos.

2.1 SOBRE A RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO

A relação professor aluno é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo (MÜLLER, 2002, p. 76). De acordo com Müller (2002), “a aula não pode ser considerada apenas uma mera transferência de conhecimento, devemos, também, nos preocupar com o conteúdo emocional e afetivo, que faz parte da facilitação da aprendizagem”. Libâneo (1994, , p. 276) diz que o professor não transmite apenas informações ou faz perguntas, ele também deve ouvir os alunos. De acordo com esse autor:

Não estamos falando da afetividade do professor para com determinados alunos, nem de amor pelas crianças. A relação maternal ou paternal deve ser evitada, porque a escola não é um lar. Os alunos não são nossos sobrinhos e muito menos filhos. Na sala de aula, o professor se relaciona com o grupo de alunos. Ainda que o professor necessite atender um aluno em especial ou que os alunos trabalhem individualmente, a interação deve estar voltada para a atividade de todos os alunos em torno dos objetivos e do conteúdo da aula. (LIBÂNEO,1994 apud MÜLLER, 2002, p.251).

Entende-se, ao analisar tal afirmativa, que a afetividade, a boa relação do professor com o aluno é, também, condição necessária para a permanência do aluno em sala de aula. É compreensível, portanto, que a afetividade não só influi na aprendizagem como também é uma maneira de contribuir para a permanência do aluno na escola, pois mesmo que ele não seja muito adepto ao estudo, tem algo bom que chama a sua atenção, posto que, ao estimular o prazer pela frequência escolar, conseqüentemente fomenta-se uma melhora na aprendizagem.

O aluno que, ao chegar numa sala de aula não é bem recebido pelo professor, como também pelos próprios colegas, vai se sentir excluído, fato que se reflete negativamente na aprendizagem. Por isso, o papel do professor é não somente trabalhar os conteúdos, mas procurar ter um bom relacionamento com os alunos, como também mediar para que haja uma boa interação entre os próprios alunos, para que estes não se sintam excluídos e possam se evadir da escola, pois uma grande maioria dos educandos jovens e adultos que procura a escola espera

encontrar, neste espaço, um bom acolhimento, que tenham as suas necessidades atendidas não só como alunos, mas também como pessoas, não importando se são crianças que iniciaram sua vida escolar ou se são jovens e adultos. Assim, é essencial compreender que todos, independentemente d idade, precisam encontrar na escola um espaço de acolhimento. Neste sentido, Mendonça (2009) afirma:

A acolhida com carinho, responsabilidade e autonomia são passos essenciais para a constituição da cidadania, pois vivemos numa sociedade constituída de diferenças e diversidades que reclama o respeito e a preservação do meio ambiente para a melhoria da qualidade de vida (MENDONÇA, 2009, p.191).

O significado de educar não é apenas o de repassar conteúdos de uma forma mecânica, ou tentar mostrar um caminho a ser seguido que o professor julgue ser o correto. Educar significa, antes de tudo, fazer com que o aluno se torne uma pessoa autônoma e consciente das suas próprias tomadas de decisões consigo mesmo e com as outras pessoas e também ter consciência do seu papel dentro da sociedade. Educar é, ainda, proporcionar ao aluno a possibilidade de aceitação dele próprio como também de saber aceitar o outro, não só com suas qualidades, mas também com os seus defeitos. Tudo isso só é possível se o professor tiver a capacidade e a consciência da importância dessa mediação.

Em seu livro “A alegria de ensinar”, Rubem Alves (1994) fala da alegria de ensinar, dizendo que o professor não morre jamais... Para o autor,

[...] ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais. (ALVES, 1994, p. 4).

O professor tem um papel fundamental em sala de aula. Somente ele saberá conduzir sua aula para que se tenha um resultado positivo ou negativo. A mediação do professor em sala de aula é essencial para que ocorra uma boa interação não só dele com os alunos, como também entre os próprios alunos. Diversos pesquisadores são unânimes ao afirmar que a afetividade é indispensável para uma boa aprendizagem. Neste sentido, cabe ao professor mediar essa afetividade, salientando que a afetividade não ocorre apenas com carinho físico, mas também por um simples elogio a uma atividade desenvolvida pelo aluno, pelo ato de escutar,

dando importância às suas ideias. Nesta perspectiva, Ricardo Henriques (2006) relata:

Uma característica frequente do(a) aluno(a) é sua baixa auto-estima, muitas vezes reforçada pelas situações do fracasso escolar. A sua eventual passagem pela escola, muitas vezes, foi marcada pela exclusão e/ou pelo insucesso escolar. Com um desempenho pedagógico anterior comprometido, esse aluno volta à sala de aula revelando uma auto-imagem fragilizada, expressando sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem (Ricardo Henriques – Secretário de Educação Continuada – Alfabetização e Diversidade, 2006 p. 16).

É importante destacar que simples palavras e gestos já podem ser considerados atos de afetividade de suma importância tanto na aprendizagem como também na permanência do aluno em sala de aula. Tais gestos são importantes não só para os alunos iniciantes, mas, principalmente, para alunos da Educação de Jovens e Adultos, por fazerem parte de uma modalidade de ensino que muitas vezes estão entrando numa sala de aula pela primeira vez ou estão retornando depois de um longo período fora dos estudos, sentindo-se, na maioria das vezes, excluídos do processo por acharem que não estão mais em idade escolar.

3 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CAMINHOS E DESCAMINHOS

A educação de jovens e adultos vem crescendo a cada dia no Brasil, merecendo uma atenção maior por parte dos governantes. Embora venha se expandindo por todo o país, a EJA é uma modalidade de ensino ocupada por profissionais sem qualificação alguma dentro da área, trazendo apenas uma formação inicial em licenciatura, ou às vezes sem nenhuma formação, o que acarreta um prejuízo maior à aprendizagem do aluno da EJA.

Silva (2012) chama a atenção para a necessidade de uma formação continuada para os professores da EJA, uma vez que esses profissionais precisam lidar com pessoas de diferentes identidades, portadores de culturas e de saberes diferentes.

Cabe ao professor que trabalha com a EJA fazer uma reflexão crítica sobre sua prática. De acordo com Silva (2012):

[...] falar de EJA é reconhecer os diferentes grupos sociais que não são escolarizados, seus saberes e como se constroem essas diferentes identidades; reconhecer suas diferenças e semelhanças em relação a outros grupos. Ser professor de EJA é ter tudo isso em conta e saber o que ensinar e o porquê, levando em conta os saberes que esses educandos já têm, fazendo-os reconhecer estes múltiplos saberes, sua validade para a vida e seus limites. (SILVA, 2012 p. 36)

Faz-se necessário que o professor resgate, juntamente aos alunos, suas histórias de vida ao valorizar o saber desses alunos – que é o saber do dia-a-dia, aquele saber que, por não ser adquirido nas escolas, mas no cotidiano dos alunos, ainda é pouco valorizado pelo mundo letrado. Amorim (2006, apud Silva, 2012, p. 42) afirma que, por outro lado, ao educador de EJA é necessário, primeiramente, compreender a especificidade dessa modalidade de ensino, reconhecendo-a como um ensino para trabalhadores, jovens e adultos. Neste sentido, é preciso entender que essa modalidade não pode ser configurada como uma modalidade de ensino do primeiro ao quinto ano e do sexto ao nono ano e Ensino Médio. Se assim pensar, não adianta pensar em formar professor para trabalhar com a EJA. Neste sentido, Arroyo (2006) lembra que:

[...] se pretendemos configurar a educação de jovens e adultos por esse lado, não tem sentido discutirmos a formação do educador de jovens e adultos. Podemos, simplesmente, aproveitar os professores de primeira a quarta série e da quinta a oitava, dando a eles certa “reciclagem” para, em vez de falarem crianças ou menino, falarem jovem e adulto e, talvez, resolvamos esse problema. (ARROYO, 2006, p.20)

Ainda dentro desse contexto, deve-se entender que a experiência cultural, social dos jovens e adultos é diferente da das crianças e adolescentes. Suas vivências, seus conhecimentos são outros, sendo assim, o professor precisa ser preparado para saber lidar com essa situação. Arroyo (2006, p. 31) fala em conhecimento vivo e conhecimento morto, destacando que “a EJA tem de fazer um currículo sério de conhecimentos vivos, que são os conhecimentos do trabalho, da história, da segregação, da exclusão, da experiência, da cultura e da natureza”.

Para adquirir atributos suficientes para ser professor da EJA seria interessante uma formação docente, segundo a qual se propõe, aos profissionais dessa área, a apropriação de novos conhecimentos para que sua prática pedagógica seja atualizada e desafiadora. No entanto, apesar de se perceber uma crescente visibilidade com relação à EJA, tanto nas práticas como também em relação ao campo de estudo e pesquisa, a formação desse profissional ainda deixa muito a desejar. Segundo Di Pierro (2005, apud Silva, 2012, p.37):

[...] essa situação é, pelo menos parcialmente, explicada pela própria configuração histórica da EJA no Brasil, fortemente marcada pela concepção de que a educação voltada para aqueles que não se escolarizaram na idade regular é supletiva e, como tal, deve ser rápida e, em muitos casos, aligeirada. Para os que defendem esse pensamento, não há necessidade de qualificação específica para o profissional docente que atua nessa modalidade de ensino.

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que deve ser tratada de maneira diferente por ser constituída também de um grupo diferenciado que tem sua trajetória de vida específica, muitas vezes marcada pela marginalização, exclusão e opressão, e que tem a sua sobrevivência ameaçada, mas que lutam por um espaço tanto no trabalho como na educação.

Pensando num foco para se definir uma política para a educação de jovens e adultos, como também para a formação do educador da EJA, Arroyo (2006) defende um projeto de formação em que os profissionais conhecessem bem quem são esses jovens e adultos e a construção da história desses jovens e adultos populares.

A construção do conhecimento e a formação de professores dentro de um contexto atual da sociedade brasileira é imprescindível para enfrentar-se os desafios e poder proporcionar, às pessoas que deixaram de frequentar a escola ou mesmo àquelas que nunca frequentaram a possibilidade de ingresso e nela permanecer recebendo uma educação condizente às suas necessidades.

Embora seja visível a expansão institucional da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, os professores deste campo de trabalho atuam, na sua maioria, sem uma formação específica, situação que, segundo Porcaro (2011) acarreta fragilidade na prática cotidiana desses profissionais, que desenvolvem o trabalho sem uma base de conhecimentos conscientes na área da EJA. Ainda neste sentido, Silva (2012, p.39) afirma:

[...] no sistema educacional brasileiro, a área da EJA é uma das áreas de maior carência de atendimento e é também a área que mais necessita de profissionais capacitados. Ainda existem no Brasil poucos cursos em nível superior que formam o professor para atuar na educação de jovens e adultos. Tal realidade se justifica em decorrência de nos constituirmos em um país em que, historicamente, a Educação de Jovens e Adultos nem sempre foi reconhecida como uma modalidade educativa que requer um profissional qualificado para seu exercício.

De acordo com a autora, no início qualquer pessoa alfabetizada poderia atuar na área; não havendo a necessidade de ter magistério e, até mesmo pessoas que não tinham concluído a educação básica poderiam atuar.

Ricardo Henriques (2006) vê a formação de professores com grande preocupação quando relata que uma quantidade expressiva de professores, mais de 175 mil, ensina jovens e adultos na modalidade EJA no ensino fundamental, sendo que a maioria desses profissionais nunca fez uma formação específica para trabalhar com a educação de jovens e adultos. De acordo com esse autor, “apesar da magnitude do desafio, a educação de jovens e adultos ainda possui pouca expressão nas universidades” (HENRIQUES, 2006, p. 08).

Pequenas iniciativas começam a surgir quando a discussão é a formação de professores. A esse respeito, Silva (2012, p.41) diz que:

[...] a formação de educadores de jovens e adultos vem sendo assumida aos poucos pelas universidades, com programas decorrentes de convênios com entidades da sociedade civil; por

ONGs e instituições privadas com tradição na área; e por algumas secretarias estaduais e municipais que têm procurado criar estratégias de formação continuada de seus professores. Tais iniciativas, entretanto, ainda são incipientes, face à demanda crescente na área.

No entanto, ainda se concebe, com grande preocupação, que a formação do profissional da EJA ainda está muito longe de ocorrer de uma forma satisfatória e que realmente contemple as necessidades do aluno da EJA, pois a formação recebida pelos professores, normalmente por meio de treinamentos e cursos rápidos dirigidos por profissionais, também sem formação adequada, segundo Silva (2012), é insuficiente para atender às demandas da Educação de Jovens e Adultos.

3.1 SOLUÇÕES POSSÍVEIS PARA MINIMIZAR A EVASÃO ESCOLAR NA EJA

Não adianta detectar os motivos da evasão escolar se não se planejar alternativas que possam ajudar a solucionar o problema. E não se pode pensar em apenas uma solução, mas sim em um conjunto de ações que sejam desenvolvidas tanto pela escola, pelos pais, pelos próprios alunos, como também pelo governo. De acordo com Coelho (2011), “a educação no Brasil é largamente desculturalizada. Em outras palavras, educação e cultura correm por caminhos distintos e muito distantes um do outro”. (COELHO 2011, p. 9).

Foi detectado, em um estudo recente realizado pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – PISA, que é baixíssima a capacidade de entendimento de um texto lido no Brasil, o qual figura em último lugar numa lista de 31 países, muitos dos quais da América Latina. Diante dessa constatação, é mais uma preocupação dada às escolas de que se precisa, o quanto antes, procurar alternativas que minimizem o problema da evasão nas escolas. É urgente definir políticas públicas e planejar práticas pedagógicas diferenciadas que venham a contribuir para uma aprendizagem de qualidade e que contribua para que o país possa sair desse quadro lastimável. Como diz Ferreira ([200-?], p. 4), detectar o problema da evasão escolar e enfrentá-lo é a melhor maneira para proporcionar o retorno efetivo do aluno à escola. Neste contexto, de acordo com Cavalcante (2005):

Quem se matricula em uma sala de EJA tem a autoestima devastada. O estudante sente vergonha de nunca ter estudado ou de ter parado de estudar há muitos anos – e medo do ridículo e do desconhecido. Sem contar o cansaço e as preocupações que só os adultos têm, como pagar as contas ou educar os filhos (CAVALCANTE, 2005, p. 54).

A autora considera algumas ações que podem ser tomadas para evitar que tudo isso afaste os alunos da escola: mostrar que a atitude de voltar a estudar não deve ser motivo de vergonha, mas de orgulho; ajudar o aluno a identificar o valor e a utilidade do estudo em sua vida por meio de atividades ligadas ao seu cotidiano; elaborar aulas dinâmicas e estimulantes (é tentador ir para casa dormir, assistir à TV ou ficar com a família depois de um dia inteiro de trabalho); ser receptivo para conversar, pois muitos vão à escola preocupados com problemas pessoais ou profissionais; mostrar que a aula é um momento de troca entre todos e que o saber do professor não é mais importante que o dele; valorizar e utilizar os conhecimentos e as habilidades de cada um. Isso pode mudar o seu planejamento no meio do caminho, mas as aulas vão ficar mais interessantes; e, finalmente, promover entre os colegas o sentimento de grupo. Quando criam vínculos, eles se sentem estimulados a participar das atividades.

O aluno da EJA precisa, mais do que qualquer aluno de outra modalidade de ensino, de uma prática diferenciada que tenha um significado para a sua vida. Uma das alternativas seria o incentivo com o trabalho de arte e cultura, onde se possa utilizar como instrumentos pedagógicos a música, o cordel, como também o teatro, como forma de facilitar o aprendizado, podendo proporcionar a esses jovens e adultos o poder de construir a sua própria história. Dentro desse contexto, Correia (2009, p. 271) afirma que “a música é uma poderosa aliada da educação. Não só para acalmar os alunos como também favorecer as aulas teóricas mais interessantes”.

O aluno da EJA é, na sua maioria, trabalhador de uma carga excessiva de trabalho, e, muitas vezes, trabalho pesado. A realidade desses alunos não é fácil e essa experiência cotidiana faz com que esses alunos não suportem chegar numa sala e assistir a aulas com métodos tradicionais. Cabe ao professor, no entanto, sabedoria para tentar mudar essa realidade, mesmo sabendo das dificuldades que é trabalhar com a EJA, como afirma Cavalcante (2005):

Quem tem uma turma de EJA sabe das dificuldades de manter o interesse dos alunos que chegam cansados do trabalho, de planejar aulas que tenham relação com a vida deles e que não sejam uma versão empobrecida do que é dado a crianças e adolescentes. (CAVALCANTE 2005, p.52).

É preciso dar a esses alunos a liberdade de construção, a possibilidade de expressarem livre e criticamente o seu pensamento, fazendo-os se sentirem parte do mundo, não apenas fisicamente, mas poderem entender que suas ideias estão contribuindo para o crescimento da sociedade de forma significativa.

3.2 DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFESSORES DA EJA NO BRASIL

Muitos são ainda os desafios na educação de jovens e adultos brasileiros com um grande número de pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade, sujeitos que não tiveram acesso à escola e que, por inúmeras causas, foram excluídos do saber sistematizado (Dallephiane, 2006, p. 67). Neste sentido, a autora argumenta:

[...] esses sujeitos estão resgatando seus direitos, inserindo-se em programas de alfabetização nas escolas e em outros espaços educacionais, buscando a escolarização na continuidade de seus estudos no Ensino Fundamental e Médio, ensino noturno regular, projetos de alfabetização, e outros, já que a necessidade do estudo, cada vez mais se impõe numa sociedade letrada e tecnológica, que os exclui do acesso ao emprego e a uma vida digna.

Pensar em desafios na Educação de Jovens e Adultos é pensar, primeiro, na formação de professores da EJA que lhes possa proporcionar condições para atuar junto a essa modalidade de ensino, com práticas pedagógicas que sejam interessantes e que promovam resultados satisfatórios na aprendizagem dos alunos. De acordo com Soares (2004, apud Dallephiane, 2006, p.68), em pesquisa recente, constata-se que os cursos de licenciatura, na maioria das universidades brasileiras, não oferecem habilitações ou componentes curriculares que tratam da especificidade da EJA.

A evasão, a falta de materiais específicos, a heterogeneidade, como também a baixa autoestima dos educandos são alguns dos desafios enfrentados pelos professores da EJA no desenvolvimento de sua prática docente. Para Porcaro (2011), em todas as situações, esses educadores apontam que vão buscando

caminhos alternativos que favoreçam o processo de ensino, como criações próprias de cada um diante das circunstâncias que vão enfrentando.

Os alunos/educandos jovens e adultos, em sua maioria desempregados, trabalhadores que tiveram pouco ou nenhum tempo de permanência na escola, carregam marcas profundas dessa história de não acesso ou de frustrações numa escolarização interrompida. Ouvindo esses sujeitos, também se constata que falam em suas experiências de um lugar de exclusão, encontram-se numa condição de abandono social em função da não-escolarização, e que têm fortemente enraizado o modelo de escola que os excluiu, a escola regular tradicional.

Um dos problemas enfrentados pelo professor da EJA é a dificuldade que o aluno tem de frequentar a escola, seja pela necessidade de trabalhar, problemas familiares ou até mesmo de achar que a escola não corresponde à sua necessidade. Essa dificuldade que os jovens e adultos sentem em procurar como também de permanecer na escola é explicada por DI PIERRO (2010) da seguinte forma:

[...] os jovens e adultos analfabetos ou com baixa escolaridade não recorrem com maior frequência às escolas públicas porque a busca cotidiana dos meios de subsistência absorve todo seu tempo e energia; seus arranjos de vida são de tal forma precários e instáveis que não se coadunam com a frequência contínua e metódica à escola. A organização escolar é demasiadamente rígida para ser compatibilizada com os modos de vida dos jovens e adultos das camadas populares; os conteúdos veiculados são pouco relevantes e significativos para tornar a frequência escolar atrativa e motivadora para pessoas cuja vida cotidiana já está preenchida por compromissos imperiosos e múltiplas exigências sociais (DI PIERRO, 2010 p.35).

Os mais diversos problemas que envolvem a EJA são desafios que devem ser solucionados pelos professores, dentro das suas possibilidades, desde uma forma interessante de ministrar a aula, cabendo aí rever sua prática pedagógica como também procurar meios de poder avaliar o aluno que não seja de forma excludente, pois, segundo Pinto 2004,(apud BISSOLI [ca. 2007] p.8):

[...] o sistema tradicional de avaliação tem criado dificuldades de aproveitamento das potencialidades dos alunos que tem até boas condições de aprendizagem, mas o fato de não alcançarem notas nas avaliações que lhes são aplicadas, sentem o fracasso e abandonam a escola antes de serem declarados incompetente, reprovando-se.

Outro desafio enfrentado pelos professores da EJA é mostrar aos alunos que a escola vem se modernizando, pois, para muitos, a escola continua com seu modelo tradicional: alunos calados, bem concentrados, sentados em cadeiras enfileiradas, sem poder se mexer, apenas escutando o professor falar, sem direito de questionar, e um quadro negro para dele retirar todo conteúdo escrito pelo professor. É preciso que o professor procure conciliar o uso das tecnologias em sala de aula com o registro escrito do assunto abordado, já que, para muitos, é somente assim que ocorre a apropriação do conhecimento.

4 POR QUE OS ALUNOS EVADEM-SE DA ESCOLA? UMA ANÁLISE DAS CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR

4.1 O PERCURSO DA PESQUISA

A presente pesquisa objetivou investigar os motivos da evasão escolar na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Luzia Simões Bartollini, localizada na cidade de João Pessoa/PB. Para tanto, procedeu-se uma revisão da literatura sobre as políticas públicas na área da educação de jovens e adultos e sobre evasão escolar, bem como foi aplicado um questionário a um grupo de dezessete alunos das turmas da EJA que chegaram a desistir, e voltaram a estudar, dos quais cinco são alunos da oitava série do Ensino Fundamental II (EJA) e doze alunos do segundo ano do Ensino Médio (EJA). Também foi aplicado um questionário com os professores para saber a opinião deles a respeito da evasão dos alunos das turmas da EJA. Além do questionário aplicado aos alunos e aos professores, foi feita uma consulta junto à secretaria da própria escola no sentido de coletar dados a respeito da quantidade de alunos das turmas da EJA do turno da noite que abandonaram a escola nos anos 2011, 2012 e 2013.

A pesquisa, que se configura em um estudo de caráter exploratório e está embasada nos estudos de Silva (2012), Di Pierro (2001 e 2010), Müller (2002), dentre outros, ressalta a importância de se planejar políticas de inclusão desses alunos para que haja a diminuição da evasão nas escolas.

Dos alunos entrevistados, 17 no total, 13 são do sexo feminino e 4 do sexo masculino; 7 são solteiros, 8 casados, 1 desquitado e 1 viúvo.

Com relação à faixa etária, o gráfico 1 retrata, em porcentagem, a faixa etária dos alunos da EJA:

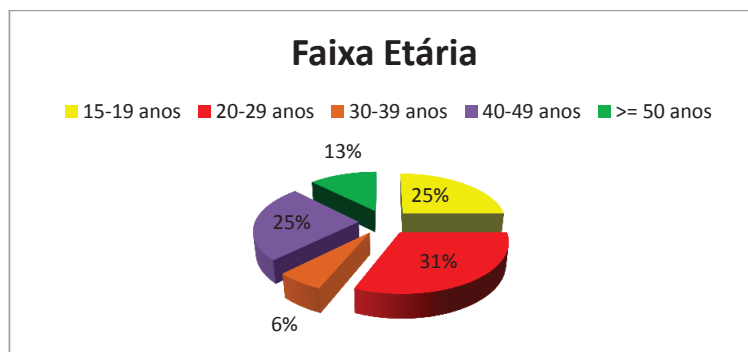


Gráfico 1 – Faixa etária dos alunos da EJA

O gráfico 1 mostra que 25% dos alunos têm entre 15 e 19 anos; 31% entre 20 e 29 anos, 6% entre 30 e 39 anos, 25% entre 40 e 49 anos e, finalmente, 13% com 50 anos ou mais.

Quanto ao item renda familiar, 7 alunos disseram que a renda da família chega a um salário mínimo; 3 disseram corresponder a um salário mínimo e meio; 2 falaram que a renda da família chega a dois salários mínimos; 3 disseram que a família ganha acima de dois salários mínimos e 1 aluno não revelou a renda de sua família. O gráfico abaixo corresponde à renda familiar dos alunos da EJA.

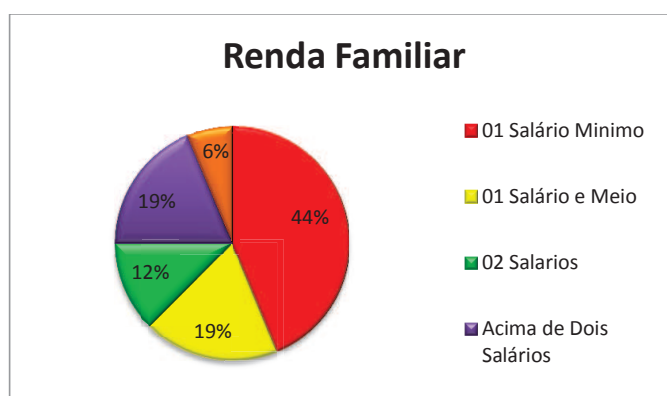


Gráfico 2 – Renda Familiar dos alunos da EJA

No que diz respeito ao campo do trabalho, 12 alunos responderam que exercem algum tipo de atividade e 5 disseram não trabalhar.

Como a maioria dos alunos da EJA é composta de pessoas adultas, com responsabilidade de garantir o sustento da família, muitos tentam conciliar o estudo com o trabalho, como mostra o gráfico 3:

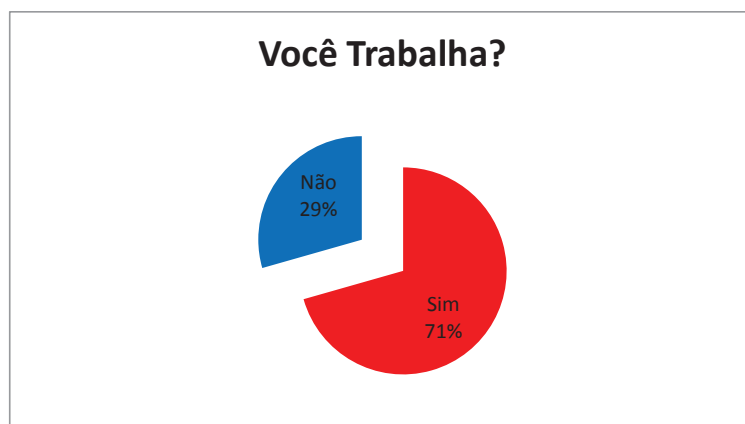


Gráfico 3 – Aluno em exercício de algum tipo de trabalho

Antes de iniciar as questões subjetivas, foi perguntado aos alunos sobre a repetência. Dos 17 alunos, 11 responderam que são repetentes; 4 disseram que não e 2 não responderam. Consta-se, diante dessas respostas, que a repetência também pode ser considerada um importante motivo que leva os alunos a evadir-se da escola. Na repetência, é comum os alunos se sentirem desestimulados por fazerem parte desse processo de exclusão tão rotineiro nas escolas.

Um dos efeitos negativos da repetência passa pela autoestima e também pela desmotivação do aluno. Vendo-se nesta situação, os alunos, por vergonha de não acompanhar os seus colegas e por muitas vezes serem taxados pelos próprios colegas como menos inteligentes, preferem desistir de estudar causando, portanto, consequências drásticas não só para a sociedade, como também para ele próprio que se tornará um trabalhador sem qualificação profissional para o mercado de trabalho, sendo pouco remunerado e muitas vezes a integrar as estatísticas do desemprego do país. Neste sentido, a escola passa a ser um lugar de exclusão, contribuindo, assim, para o abandono escolar. O gráfico 4 abaixo mostra o índice de repetência dos alunos da EJA.

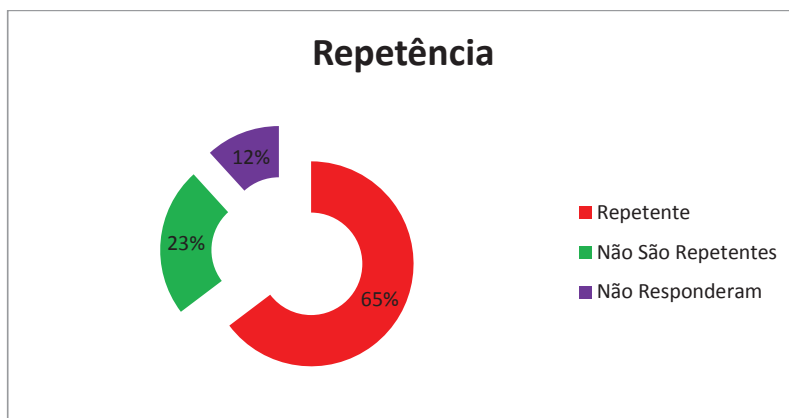


Gráfico 4 – Índice de Repetência dos alunos do EJA

4.2 COM A PALAVRA... OS ALUNOS¹

Uma primeira pergunta colocada aos alunos questiona-lhes porque eles deixaram de frequentar a escola. Dos 17 alunos entrevistados, 6 disseram que o motivo foi a necessidade de trabalhar; 3 disseram que foi por falta de interesse; 2 por motivo de saúde; 3 porque não tinham com quem deixar os filhos; 1 não definiu a causa; 1 porque não encontrou companhia para ir à escola e a última porque casou. Algumas das respostas dadas pelos alunos são:

- A 1: por necessidade de trabalhar.
- A 2: por conta do trabalho.
- A 3: porque não gosto de estudar.

¹ Para manter o sigilo da pesquisa, o nome dos alunos serão representados por A1 (aluno 1), A2, A3 e assim sucessivamente, até A17. Contudo, serão mantidas, fidedignamente, as falas desses alunos para que se possa fazer uma análise interpretativa dos dados.

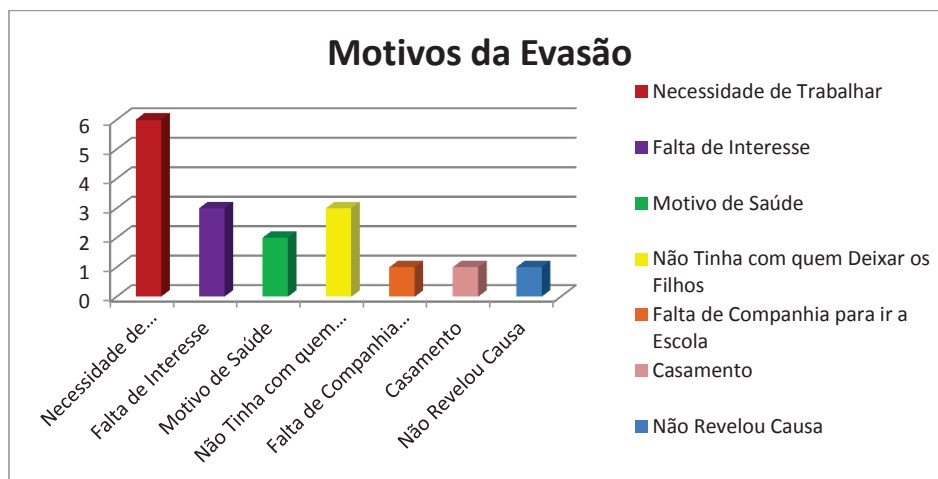


Gráfico 5 – Motivos da Evasão Escolar

Do gráfico 5 depreende-se que a evasão escolar ou infrequência do aluno deve-se a uma série de fatores, desde uma escola não atrativa, autoritária, professores despreparados, insuficientes, sem motivação; como também aluno desinteressado, indisciplinado, com problema de saúde, gravidez, etc; até problemas sociais como trabalho com incompatibilidade de horário para os estudos, agressão entre os alunos, violência em relação às gangues etc. No entanto, como afirma Ferreira ([200-?]), a evasão escolar se verifica em razão do somatório de vários fatores e não necessariamente de um, especificamente. Como se observa no gráfico acima, a evasão escolar ocorrida na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Luzia Simões Bartollini também se deu em virtude de vários fatores e não especificamente de um, em particular.

Questiona-se, ainda, especialmente os alunos mais jovens, sobre qual a reação dos pais ao saberem da decisão deles de desistirem de estudar. Dos dezessete alunos entrevistados, doze disseram que seus pais ficaram tristes por suas decisões, mas que, em alguns casos, relatam que eles sabiam das suas necessidades e, por isso mesmo, acabavam entendendo. Dos outros cinco entrevistados, dois disseram que não houve reação alguma dos pais, dois disseram que não moram com os pais e uma não respondeu. Segue a resposta de A2: “A2: Ficaram muito tristes, mas a necessidade era maior”.

Em seguida, questionaram-se os alunos sobre os motivos que os levaram a voltar a estudar. Foram várias as respostas dadas pelos entrevistados, desde a necessidade de poder arrumar um melhor emprego, como para recuperar o tempo

perdido. Outra resposta reiterativa foi o fato de acharem que é muito importante para o futuro não só deles próprios, como também para a família. A1 respondeu o seguinte: “A1: Porque o nível de escolaridade é preciso no mercado de trabalho e quem não tem pelo menos o Ensino Médio não tem nada”.

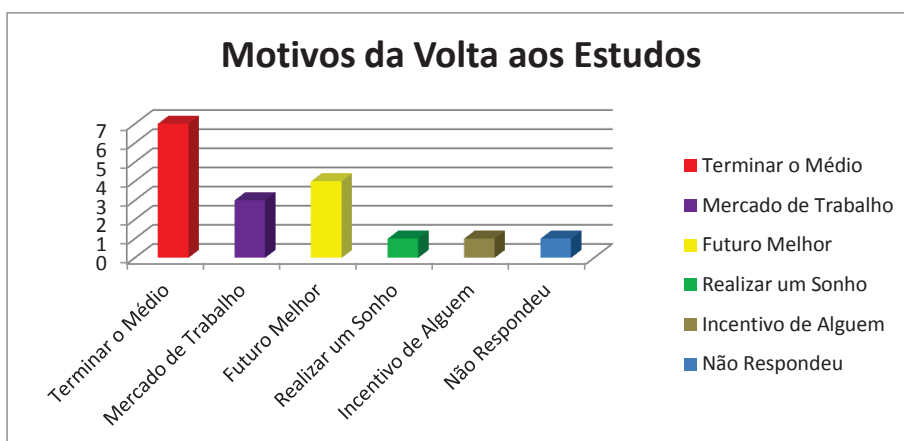


Gráfico 6 – Motivos da Volta aos Estudos dos Alunos da EJA

O gráfico que trata sobre os motivos que levaram os alunos a voltarem a estudar mostra que 7 alunos gostariam de terminar o Ensino Médio; 3 para se preparar melhor para o mercado de trabalho; 4 por achar que os estudos garantem um futuro melhor; 1 por dizer que a conclusão dos estudos é um sonho realizado; 1 por ter sido incentivado por alguém, e 1 aluno não respondeu a questão. A análise desta realidade leva a pensar sobre esta contradição na vida dos alunos. Se, por um lado, o trabalho exige do trabalhador um certo nível de escolaridade, este mesmo trabalho aparece muitas vezes como uma barreira para o aluno continuar seus estudos, o que contribui para a evasão escolar, visto que o horário de trabalho, na maioria das vezes, não consegue ser compatível com seus estudos, o que faz com que os alunos comecem a estudar e, logo que conseguem um trabalho, desistam da escola, só voltando, muitas vezes à sala de aula quando saem do trabalho.

Também foi perguntado aos alunos se eles são bem recebidos pelos funcionários da escola. Das respostas obtidas nessa questão, quinze alunos disseram que são bem recepcionados pelos funcionários e dois disseram que não estão satisfeitos com a receptividade dos funcionários. A aluna 5 deu a seguinte resposta: “A5: Sim. Normalmente, os professores e funcionários são dez”.

As justificativas dadas pelos alunos sobre a receptividade dos funcionários já demonstra que essa não é considerada uma causa da evasão escolar na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Luzia Simões Bartollini.

A escola precisa ser um lugar acolhedor para todos os alunos, especificamente para o aluno da EJA que tanto tempo ficou fora da escola ou por nunca ter frequentado, seja por quais motivos e a quem atribuir. Ricardo Henriques (2006) chama a atenção para o fato de que a baixa autoestima é uma característica frequente do aluno, fato que decorre, muitas vezes, do fracasso escolar. O aluno que não teve um bom desempenho escolar em anos anteriores volta à sala de aula com uma autoimagem fragilizada, de modo que não se sente seguro para enfrentar os novos desafios que terá pela frente. O mínimo que a escola pode fazer é oferecer o seu espaço como um lugar acolhedor para que o aluno se sinta bem, confiante com o fato de que todos da escola estão prontos para apoiá-los, quando necessário. Em seguida, foi questionado se eles gostam da escola que estudam e o que deveria ser feito para atrair mais o aluno. Dos entrevistados, apenas um relatou não gostar e disse que a escola deveria dar aulas de informática e ter laboratório como forma de atrair mais os alunos para a escola. Dezesseis responderam que gostam da escola, mas que, mesmo assim, a escola deveria, entre outras coisas, fazer algo mais para atrair o aluno. “A11: Sim. Ela deveria fazer projetos para atrair mais os alunos.”; “A1: Sim. Mas acho que as aulas poderiam ser mais dinâmicas, e o conteúdo dado de forma mais atrativa”.

As respostas dadas pelos alunos mostram que, apesar de quase todos dizerem gostar da escola, algo ainda falta ser feito e que contribua para a permanência do aluno na sala de aula para se evitar, assim, a evasão escolar; muito embora se saiba que as causas da evasão escolar não se resumem apenas à escola, mas envolvem um contexto social maior que muitas vezes se torna impossível de ser resolvido por ela. No entanto, segundo Azevedo ([200-?]) se a escola conseguir eliminar os problemas relacionados a ela, tem-se que metade dos trabalhos necessários à melhoria da situação estará concluída.

Outra questão colocada aos alunos foi se eles deixariam de estudar para trabalhar. Das 17 pessoas que responderam essa pergunta, seis afirmaram que não deixariam porque consideram o estudo importante e que com ele podem se beneficiar futuramente ao lograr uma melhor posição no mercado laboral; 1 aluno afirmou que, a depender do trabalho oferecido, deixaria sim e outros 10 alunos

responderam que deixariam e, na maioria das justificativas, fariam isso porque necessitam. O aluno 3 respondeu: “A3: Sim, porque eu preciso do dinheiro”.

A EJA é uma modalidade de ensino que se constitui de um público que faz parte das classes menos privilegiadas que, diante das necessidades, precisam trabalhar para ajudar na renda familiar, ou, quando casados, se responsabilizar por toda despesa da casa, o que torna, dessa forma, quase que inviável conciliar o trabalho com o estudo, o que leva o aluno a não permanecer na escola. Conclui-se, neste caso, que a evasão escolar também ocorre por causa das dificuldades financeiras das famílias, que obrigam os filhos a trabalharem para ajudar nas despesas da casa.

Foi perguntado aos alunos como eles gostariam que fossem as aulas da EJA. Dos dezessete alunos que foram entrevistados, cinco estão satisfeitos com a forma como as aulas estão sendo ministradas, e onze disseram que gostariam que as aulas fossem ministradas de maneira diferente relativamente à atual metodologia didática. Seguem algumas respostas dadas pelos alunos:

A1: Gostaria que fosse menos tradicional, com um tipo de aula atualizada e específica para adultos.

A4: Mais dinâmica, com apresentação de filmes e palestras.

A6: Eu gosto do jeito que são.

Foi comprovado, através dessas respostas, que os alunos sentem necessidade de aulas diferenciadas, cabendo aos professores planejarem novas metodologias como forma, não só de atrair o aluno para a escola, mas também de fazer com que ele assista à aula por prazer, o que resultará, assim, numa boa aprendizagem e contribuirá para assiduidade escolar para evitar-se a evasão escolar, problema sério que hoje se apresenta no Brasil e que é de grande relevância no contexto educacional.

A EJA, mais do que qualquer outra modalidade de ensino, precisa de uma prática diferenciada que tenha um significado para a vida do aluno. No entanto, para que os professores da EJA possam planejar práticas inovadoras, imprescindível é fomentar uma formação que possa lhes proporcionar condições de atuação eficaz nessa modalidade de ensino, com práticas pedagógicas que sejam interessantes e que promovam resultados satisfatórios na aprendizagem dos alunos.

Outra questão colocada aos alunos foi: o estudo é importante para você? Todos os dezessete alunos responderam afirmativamente, e apresentaram as mais diversas justificativas. Seguem algumas respostas dadas:

A4: Porque só podemos ser um profissional completo se tivermos formação escolar.

A10: Sim. Porque devemos ser alguém um dia.

A16: Sim. Para ter um futuro melhor.

Através dessas respostas, pode-se constatar que todos os alunos são conscientes da importância do estudo na vida de cada um, mesmo tendo já desistido de estudar em algum período da sua vida escolar. No entanto, vale salientar que as dificuldades financeiras muito contribuem para que o aluno deixe de estudar, pois precisam trabalhar para se sustentar e também ajudar nas despesas familiares.

Apesar de algumas pesquisas realizadas apontarem o desinteresse dos alunos como fator fundamental na evasão escolar, como é o caso da pesquisa divulgada em 2009 pela FGV, em que 40% dos alunos entrevistados não estudam porque não acham a escola interessante, isto não é o que acontece com os alunos da EJA do turno da noite da E.E.E.F.M.L.S.B, ou, pelo menos, não é o que revelam os alunos desta escola quando foram entrevistados, uma vez que todos afirmam que o estudo é importante e que gostam da escola onde estudam apesar de que, segundo eles, a escola deveria criar mais estratégias para atrair mais alunos para a sala de aula.

Ainda, foi perguntado aos alunos se eles têm um bom relacionamento com os professores. Todos os alunos entrevistados responderam ter um bom relacionamento com todos. Alguns alunos fazem elogios, posto que atribuem adjetivos aos professores, como: “são muito legais”, outros dizem que “são simpáticos” e “bastante eficientes”.

A1: Sim, meus professores são amigos dos alunos, nos ajudam a entender bem as matérias, nos respeitam como alunos que somos, e com isso também são respeitados.

A14: Sim, gosto de todos eles, e o principal, além de nos tratarem bem, nos respeitam e nos ajudam.

A17: Sim, porque um bom relacionamento é muito importante para ambas as partes.

Como visto, ao menos aparentemente, é descartado o fato de o relacionamento entre professor e aluno na E.E.E.F.M.L.S.B ser considerado motivo para o aluno deixar de frequentar a sala de aula.

Em seus trabalhos, Müller (2002) fala da importância do diálogo entre professor e aluno para que haja um bom relacionamento e, conseqüentemente, uma boa aprendizagem. Neste sentido, a autora afirma:

Para exercer a autoridade o docente deve saber da importância do seu trabalho e mesclar com a afetividade a sua autoridade, recorrendo, então, ao diálogo como forma de chegar ao resultado pretendido: uma classe integrada, compenetrada e interessada [...] O professor deve usar do diálogo, pois o diálogo pode ser uma fonte de riquezas e alegrias, é uma arte a ser cultivada e ensinada. O professor deve ensinar que o diálogo só acontece quando os interlocutores têm voz ativa, e que se os interlocutores se limitarem a impor visões do mundo sem considerar o que o outro tem a dizer, não estarão praticando um diálogo. (MÜLLER, 2002 p. 278).

No questionário, foi perguntado, ainda, como eles classificam a merenda da escola. Dos 17 alunos entrevistados, 7 disseram que a merenda é boa, 8 disseram que é regular e, apenas 2 consideram a merenda ótima. O gráfico abaixo faz uma leitura percentual ao demonstrar o grau de aceitação da merenda.

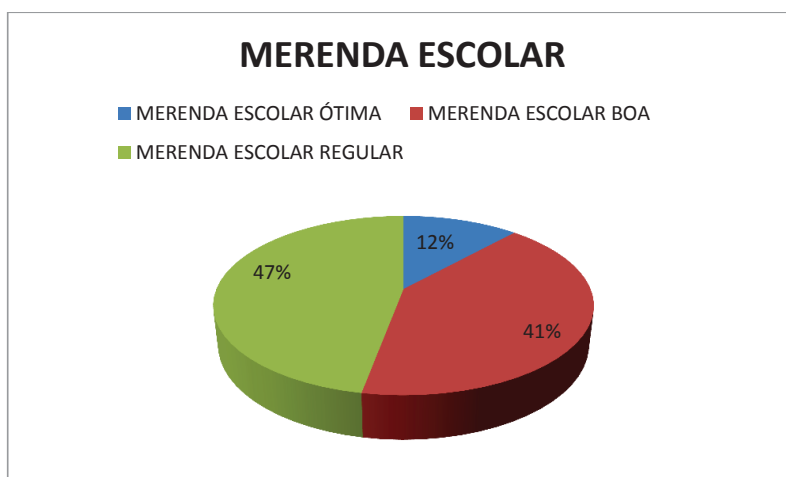


Gráfico 7 – Merenda Escolar

Para o aluno da EJA, que muitas vezes vai direto do trabalho para a escola, é de fundamental importância que seja oferecida uma merenda de qualidade e que lhe dê condição de frequentar e permanecer na escola, posto que, bem alimentados,

terão mais disposição para se concentrar nas aulas e, conseqüentemente, ter um melhor rendimento na aprendizagem.

A última questão tratava do espaço físico da escola. Sobre essa questão, as respostas foram assim distribuídas: 7 consideram um espaço bom; 6 disseram que é regular e somente 4 disseram que é ótimo. Através do gráfico que segue é possível observar esses dados conforme seguem:

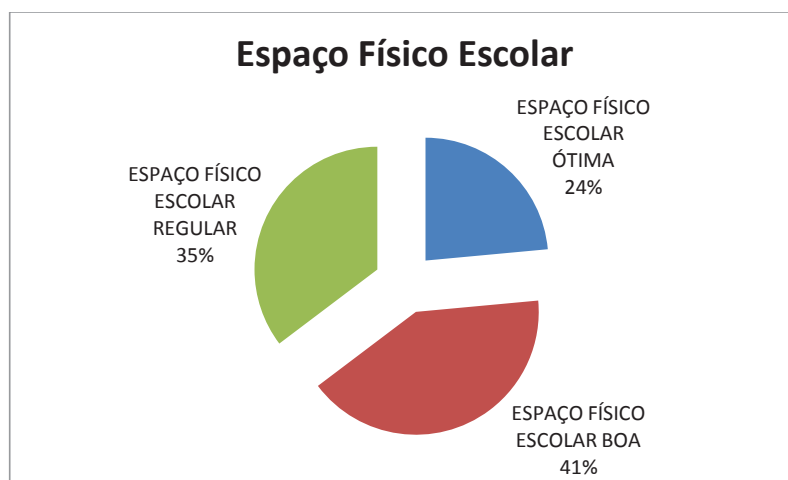


Gráfico 8 – Espaço Físico Escolar

O espaço físico é considerado de grande importância para o corpo discente por ser um espaço que representa um cenário de estudos, lazer, discussões e também troca de ideias.

O problema financeiro aparece como um grande motivo da evasão na escola pesquisada. Em suas respostas, os alunos destacaram a necessidade de trabalhar para ajudar nas despesas familiares, como também a necessidade que as alunas mães encontram para deixar seus filhos para poderem estudar que, neste sentido, também se enquadra na questão financeira, pois, se essas mães tivessem condições, pagariam para alguém cuidar dos seus filhos enquanto elas estudavam.

Outra questão também relatada pelos alunos foi a falta de interesse. Tal resposta, mesmo que de forma indireta, coloca a escola como corresponsável pela falta de interesse desses alunos. A metodologia dos professores também é outra questão que deve ser repensada. Os alunos relatam que mesmo gostando de onde estudam, a escola poderia criar algo mais atrativo para que o aluno nela possa permanecer como, por exemplo, o desenvolvimento de projetos e a oferta de aulas

de informática. Outra sugestão dos alunos é que os professores procurassem repassar as aulas de forma mais dinâmica, menos tradicional.

4.3 COM A PALAVRA... OS PROFESSORES

Uma primeira questão colocada aos professores foi se eles fizeram ou fazem algum curso para trabalhar com a EJA. Dos oito professores entrevistados, apenas dois responderam que sim, os outros seis disseram que não. O P2 respondeu: “Não. Até agora não fiz nenhum curso”.

O gráfico 7 indica a porcentagem de professores com formação específica na área de EJA.

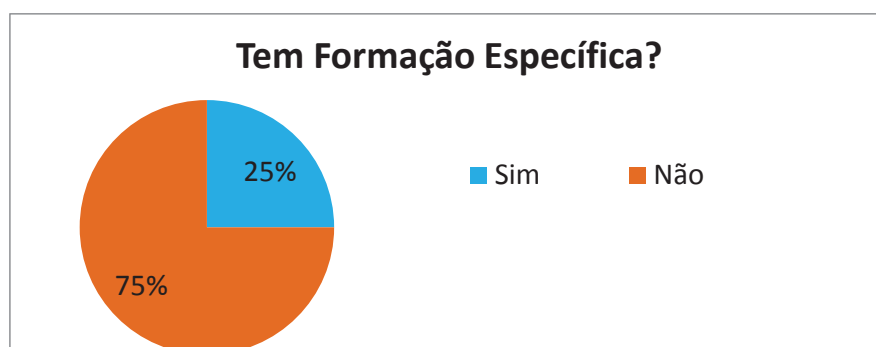


Gráfico 9 – Formação Específica dos Professores para trabalho com a EJA

O gráfico acima sobre formação específica indica que apenas 25% dos professores que trabalham com as turmas da EJA possuem formação específica, contra 75% que não possuem.

A EJA é uma modalidade de ensino que requer metodologias diferenciadas, pois refere-se a um público jovem e adulto que vive em uma fase da vida na qual os valores culturais e sociais são diferentes dos das crianças e adolescentes e que precisam ser vistos com outros olhos. Os conteúdos trabalhados com esses alunos devem ser dados de uma forma que tenha um sentido para as suas vidas. O professor precisa dinamizar suas aulas, utilizando práticas pedagógicas diferenciadas. No entanto, para que ele possa inovar suas práticas, considera-se necessário que seja oferecida, ao professor, uma formação específica na área da EJA. Silva (2012) chama a atenção para a importância de uma formação continuada

para os professores da EJA, se se considerar que esses profissionais precisam lidar com pessoas de diferentes identidades, portadoras de culturas e de saberes diferentes.

A respeito desse contexto, Di Pierro (2010, p. 36) afirma que:

A formação de educadores para as especificidades da modalidade e sua profissionalização são pontos de convergência recorrentes no discurso acadêmico e político que, entretanto, constituem fonte permanente de tensões, pois pouco se avançou nesse terreno. Essa é uma lacuna a ser preenchida por políticas federais que induzam as instituições de ensino superior a realizar estudos e pesquisas, incluir a temática em seus currículos da formação inicial, promover a especialização e a formação continuada de docentes em serviço.

A formação do educador no campo da EJA, entre tantas outras questões, vem sendo discutida nas reuniões de professores, fóruns e seminários, como também nos encontros de educação de jovens e adultos, na tentativa de se encontrar uma solução que melhore, através de novas práticas, a qualidade da aprendizagem do aluno jovem ou adulto. Por isso mesmo, não se pode elaborar uma formação continuada que não seja permanente, visto que se requer tempo de amadurecimento para as reflexões sobre as mudanças nas práticas pedagógicas. Soares (2006, p.11) questiona essa formação ao afirmar que:

Tanto para a formação de pedagogos quanto para a formação de outros licenciados, deve-se considerar a possibilidade de se transversalizar a construção de uma compreensão dos jovens e dos adultos – alunos e alunas da EJA – como sujeitos da aprendizagem, inserindo nas ementas das diversas disciplinas específicas, ao longo dos currículos, a abordagem de questões relativas à formação do educador de jovens e adultos.

A formação de professores é considerada por Ricardo Henriques (2006) como motivo de grande preocupação visto que uma grande maioria de profissionais que trabalha com as turmas da EJA nunca participou de nenhuma formação específica nessa área.

Quando questionados sobre as dificuldades que eles encontram para trabalhar com a EJA, os professores deram as mais diversas respostas. Citaram a falta de material didático, a dificuldade de aprendizagem, como também a existência

de alunos que chegam na sala de aula muito cansados por terem enfrentado um dia pesado de trabalho. Seguem algumas das respostas dadas pelos professores:

P2: A falta de leitura e de conhecimentos gerais. A preguiça de ler.

P5: Alunos sem base escolar dos anos anteriores.

P6: Cansaço dos alunos; atraso na primeira aula dos alunos; gaseamento dos alunos nas últimas aulas.

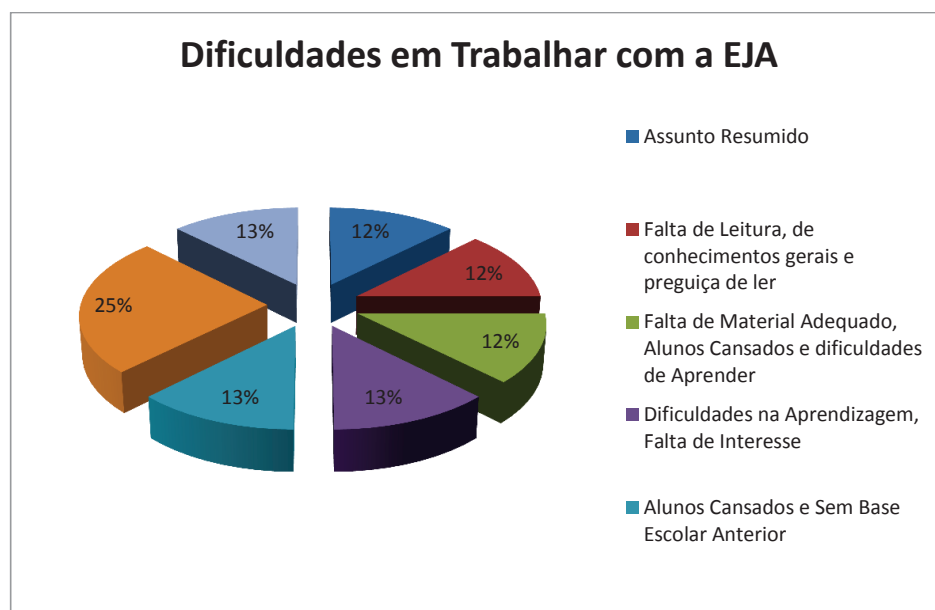


Gráfico 10 – Dificuldades Enfrentadas para o trabalho com a EJA.

O gráfico acima relata as dificuldades que os professores enfrentam para trabalhar com as turmas da EJA. 12% dos professores dizem que as dificuldades são falta de leitura, conhecimentos gerais e preguiça de ler por parte dos alunos; 12% afirmam ter falta de material adequado. Outra questão citada por esses professores é que os alunos estão cansados e possuem dificuldade em aprender; 13% afirmam haver dificuldades na aprendizagem por parte dos alunos além de falta de interesse; 13% dizem que os alunos estão cansados e não possuem base escolar anterior; 25% dizem que os alunos chegam cansados, atrasados para a primeira aula e gazeiam as últimas e 13% dizem que os alunos não apresentam interesse em aprender.

Porcaro (2011) diz que durante toda sua prática docente, os educadores da EJA enfrentam grandes desafios, considerado como um problema de difícil resolução desde a heterogeneidade, a evasão, a falta de materiais didáticos, a baixa

autoestima dos educandos, dentre outros, mas que no decorrer do trabalho, diante das circunstâncias

A necessidade de trabalhar aparece como um dos principais motivos da evasão escolar nas turmas da EJA. Isso ocorre porque essa é uma modalidade de ensino direcionada a jovens e adultos que necessitam trabalhar para ajudar nas despesas familiares ou de se responsabilizar por toda despesa da casa. Daí a necessidade de o professor elaborar práticas pedagógicas inovadoras direcionadas, especificamente, para esse público.

Perguntados sobre quais os recursos que eles utilizam na EJA, além do livro didático, os oito professores apresentaram diversas respostas. De acordo com esses educadores, são utilizados desde vídeos, filmes, som, como também afirmaram usar somente o quadro. Algumas respostas dos entrevistados:

P3: Textos, e, algumas vezes, um vídeo.

P5: Pesquisa em Internet, construção de figuras geométricas com cartolina etc.

P6: Nem livro didático dá para usar. Só o quadro.

O gráfico a seguir revela os recursos didáticos que são utilizados pelos professores da EJA em sala de aula.

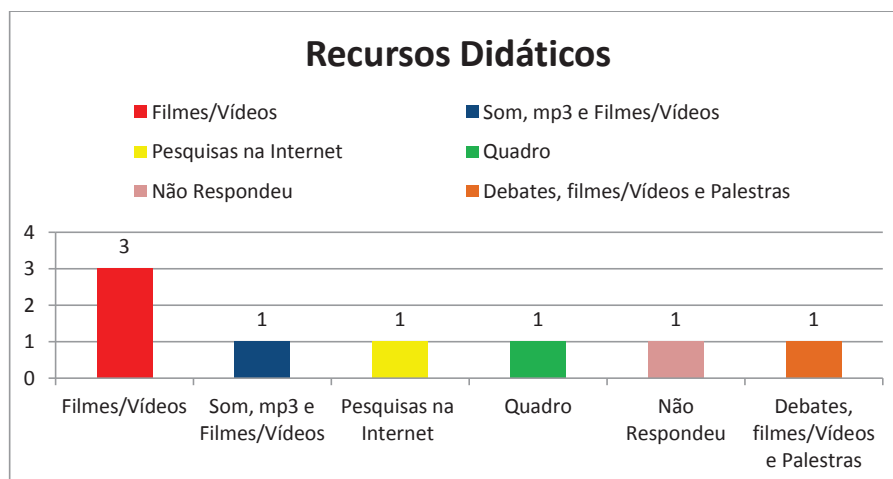


Gráfico 11 – Recursos Didáticos Utilizados pelos Professores.

O gráfico acima – referente aos recursos didáticos utilizados pelos professores – revela que 3 professores utilizam-se de filmes e/ou vídeos; 1 utiliza pesquisas na Internet; 1 utiliza som, mp3 e filmes e/ou vídeos; 1 utiliza apenas o

quadro; 1 faz uso de debates, filmes e/ou vídeos e palestras, e 1 não respondeu à pergunta.

O professor precisa diversificar a maneira de dar aula, principalmente quando se trata de um público específico, como é o caso da EJA. Esse professor necessita encontrar metodologias que deem conta de atrair esse aluno para a sala de aula, contribuindo para que ele permaneça e possa ter uma boa aprendizagem.

Os professores ainda foram questionados sobre os recursos didáticos oferecidos pela escola e se esses recursos são coerentes com a realidade dos alunos. Dos oito professores que foram entrevistados, cinco disseram que não e três disseram que sim. Dos cinco que responderam não, apenas um justificou sua resposta; dos três que responderam sim, nenhum justificou sua resposta. O Professor 2 respondeu: “P2: Não. A escola deveria oferecer mais recursos por se tratar de alunos adultos, na sua maioria”.

Para se trabalhar com alunos jovens e adultos – que muitas vezes chegam na escola desmotivados até mesmo como decorrência do descompasso da idade-série –, é imprescindível ter um cuidado especial quanto à prática pedagógica e, conseqüentemente, quanto aos recursos que deverão ser utilizados nessas aulas.

Uma outra questão colocada aos professores foi por que razão os alunos evadem-se da escola. As respostas foram as mais diversas, sendo os fatores extra-escolares os mais relevantes na determinação da evasão, segundo a visão desses educadores. Também apontaram a escola como responsável pela evasão desses alunos. Dos oito entrevistados, três apontam somente o trabalho; três apontam o trabalho além de outros fatores, como a falta de incentivo da escola e a falta de interesse do aluno. Um professor afirmou que é porque os alunos não têm consciência e outro disse que é por falta de incentivo. No entanto, nas respostas colhidas, os professores entrevistados não atribuíram a ninguém essa falta de incentivo. Vejam-se alguns relatos:

P2: Principalmente por causa do trabalho.

P3: Porque trabalham, falta de interesse, porque não encontram estímulo por parte da escola.

P6: Por motivo de trabalho e desmotivação na escola.

O gráfico abaixo relata os motivos da evasão escolar na visão dos professores. Nele, 12% dos professores afirmam achar que os alunos não têm consciência sobre o que estão fazendo; 37% acham que é por motivo de trabalho;

12%, por motivo de trabalho, falta de interesse e estímulo; 13%, por falta de interesse, motivo de trabalho e perigo no caminho da casa para a escola e 13% acham que é por motivo de trabalho e desmotivação na escola.

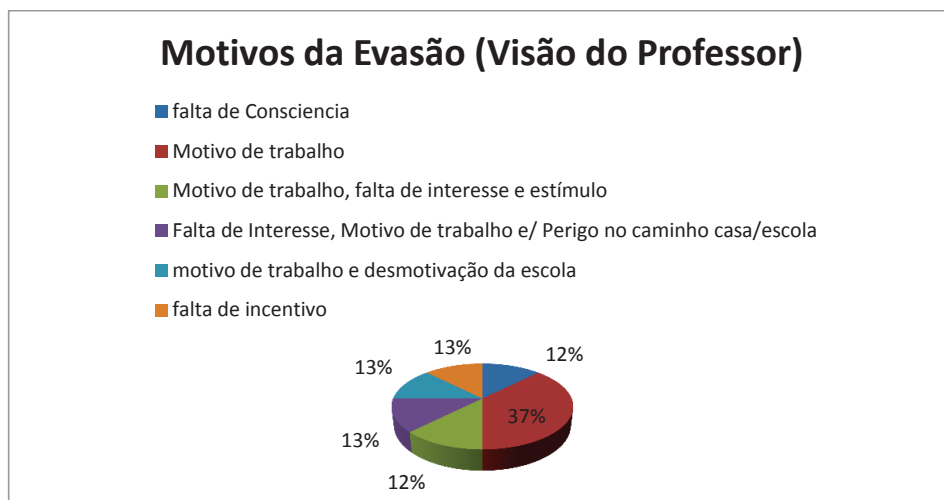


Gráfico 12 – Evasão Escolar nas turmas da EJA na Visão dos Professores.

O que se percebe, nessas respostas, é que os professores, na convivência com os alunos, entendem que eles abandonam a escola por uma série de fatores que vão desde a necessidade de trabalhar como também apontam a própria escola como sendo responsável por este problema; no entanto, nenhum professor atribuiu, a si mesmo, tal responsabilidade, se se considerar que sua prática pedagógica é ultrapassada, o que contribui para a desmotivação do aluno pelas aulas, o que faz com que este aluno se evada da escola. Como visto, a prática ultrapassada utilizada pelos professores da EJA aparece como um dos importantes motivos para afastar o aluno da escola. Neste sentido, o que se percebe é a popular estratégia de se desvencilhar das responsabilidades intitulada “jogo do empurra-empurra”, segundo o qual cada um procura, de alguma forma, atribuir a culpa ao outro, quando, na verdade, o mais importante é encontrar soluções para o problema, e não somente encontrar os responsáveis.

Na última questão, foi perguntado aos professores como é a relação deles com os alunos da EJA. Todos os entrevistados responderam que têm um relacionamento muito bom com todos os alunos. Seguem algumas respostas dadas pelos professores:

P5: Costumo ter um bom relacionamento, procurando sempre dar atenção em base pessoal.
 P7: Muito boa. Compreensão.
 P8: Não existem problemas.

Müller (2002) aponta a relação professor-aluno como sendo de suma importância no processo de aprendizagem, pois, segundo a autora, esta relação é o que vai dinamizar e dar sentido ao processo educativo.

É importante destacar que simples palavras e gestos podem ser considerados atos de afetividade de suma importância tanto na aprendizagem como também na permanência do aluno em sala de aula. Tais gestos são importantes para alunos da Educação de Jovens e Adultos, especialmente porque esses alunos sentem-se, na maioria das vezes, excluídos do processo por acharem que não estão mais na idade de estudar.

4.4 MOSTRANDO A TAXA DE EVASÃO NAS TURMAS DA EJA NO TURNO DA NOITE – 2011 – 2012 E 2013

Através de uma análise feita de dados coletados na escola, fornecidos pela secretaria desse mesmo estabelecimento de ensino, foi constatado que há uma grande dificuldade do aluno em permanecer na escola, o que ocorre em virtude de vários fatores já mencionados e analisados anteriormente

Abaixo, os quadros mostram, através de porcentagens, a realidade da evasão escolar na E.E.E.F.M.L.S.B nas turmas da EJA do turno noturno.

Quadro I - 2011

Turmas	Nº de alunos	AP	Rep.	Transf.	Desist.	%Desist.
5ª	14	03	01	0	10	71,43%
6ª	12	03	02	0	07	58,33%
7ª	16	07	0	0	09	56,25%
8ª	18	07	0	0	10	55,5%
1º Ano Médio - EJA	37	15	01	0	21	56,75%
2º Ano Médio – EJA	23	16	0	0	10	43,47%
3º Ano Médio – EJA	29	20	06	0	03	10,34%
Total	149	71	10	0	70	46,98%

Fonte: Dados fornecidos pela secretaria da escola.

De acordo com o quadro I, o índice de evasão escolar é muito preocupante quando se observa que quase 50% dos alunos desistiram de estudar no ano de 2011; frise-se que este índice é maior no ensino fundamental II, muito embora, no

Ensino Médio, este índice também seja considerado relevante, principalmente no 1º Ano EJA.

O quadro II mostra que a evasão escolar no ano de 2012 continua em altos patamares, com um índice muito alto no Ensino Fundamental e, se comparado ao ano de 2011, houve uma elevação significativa no Ensino Médio, principalmente no 2º e 3º anos.

Quadro II – 2012

Turmas	Nº de alunos	AP.	Rep.	Transf.	Des.	% Des.
5ª	32	06	01	01	24	75%
6ª	26	09	06	0	11	42,31%
7ª	39	13	02	0	24	61,53%
8ª	37	16	01	0	20	54,05%
1º Ano Médio – EJA	50	20	03	0	27	54%
2º Ano Médio – EJA	42	16	06	0	20	47,62%
3º Ano Médio – EJA	48	27	02	0	19	39,58%
Total	274	107	21	1	145	52,92%

Fonte: Dados fornecidos pela secretaria da escola

De acordo com o quadro III, a situação da evasão escolar na E.E.E.F.M.L.S.B continua sendo um dado preocupante, apesar de ter se verificado uma pequena baixa na 5ª série do Ensino Fundamental e no 3º ano EJA do Ensino Médio, se comparado ao ano de 2012.

Quadro III – 2013

Série	Nº de alunos	AP.	Rep.	Transf.	Desist.	% Desist.
5ª	29	08	06	01	14	48,27%
6ª	18	05	01	0	12	66,66%
7ª	42	16	0	01	25	59,52%
8ª	43	19	0	0	24	55,81%
1º A e B	87	36	0	04	47	54,02%
2º A e B	73	33	02	0	38	52,05%
3º A e B	66	45	0	02	19	28,78%
Total	358	162	9	8	150	41,89%

Fonte: Dados fornecidos pela secretaria da escola

Ao perscrutar-se essa realidade, percebe-se que cabe à escola – mesmo que não seja ela a principal responsável pela não permanência ou infrequência do aluno em sala de aula –, planejar alternativas que motivem a frequência e a permanência do aluno. Apesar de as pesquisas apontarem que o contexto socioeconômico do país constitui campo propício para a evasão escolar – posto que o alunado da EJA pertence à classe social de renda baixa –, se a escola procura resolver a parte que lhe cabe, percebe-se que será de grande importância que haja iniciativas nesse sentido e que visem a amenizar o problema que se apresenta.

5 CONCLUSÕES

O acirramento da competição no mercado de trabalho tem tornado as necessidades de qualificação profissional das pessoas mais urgentes e explícitas. Isso faz com que muitos jovens e adultos voltem às salas de aula a fim de obter um certificado como título de conclusão, seja fundamental ou médio com o propósito de lograr uma vaga no mercado de trabalho. Um dos grandes desafios enfrentados por esses alunos da EJA é tentar conciliar o trabalho com o estudo, embora, muitas vezes, vejam-se obrigados a abandonar a escola pelo fato de não conseguirem conciliar ambas as atividades (laborais e escolares).

Como visto, os debates só aumentam a procura por um responsável pelo problema da evasão escolar. Não se pode atribuir a apenas um fator a culpa, mas sim a um conjunto de fatores, inclusive a própria escola, os pais, o sistema educacional, as questões sociais, como também o próprio aluno que, por vários fatores externos, não sente mais vontade de frequentar a sala de aula. Na EJA, o esgotamento físico exigido pelo trabalho aparece como um importante motivo da evasão, pois muitos precisam trabalhar para o seu próprio sustento, como também para o sustento de seus familiares.

As defasadas práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores também aparecem como sendo responsáveis pela evasão escolar, principalmente do aluno da EJA que sente necessidade de uma aula mais dinâmica e direcionada a um público adulto que vive numa fase da vida em que os valores culturais e sociais são diferenciados frente ao *modus vivendi* das crianças e dos adolescentes. Sendo assim, há, certamente, a urgente necessidade de uma formação específica para os professores da EJA.

Diante da constatação do problema da evasão escolar, que não ocorre apenas em uma localidade específica do país, mas em nível nacional, é preciso que se abram os olhos para essa questão que é tão grave no Brasil, pois não se pode pensar em desenvolvimento de uma nação, se o índice de analfabetismo é considerado elevado.

Nessa discussão, a formação do professor é condição essencial na formação do educando, posto que, desta forma, se contribui para evitar a evasão escolar. No entanto, continua este sendo um grande problema enfrentado pelas escolas, não só

em nível local, mas em nível de país, pois os professores da EJA, em sua maioria, não têm uma formação inicial nem continuada.

O despreparo específico dos professores na área da EJA traz uma série de prejuízos em todos os aspectos socioeconômicos e culturais, pois, se o professor não tem essa formação, falta-lhe uma metodologia adequada para lidar com o aluno, faltam-lhe condições de proporcionar aulas inovadoras que prendam a atenção dos discentes em sala de aula. Se o aluno não recebe uma boa formação escolar, também não deve atender bem às demandas do mercado de trabalho e, conseqüentemente, não trará bons frutos à nação, como também se sentirá excluído da sociedade, levando-o, muitas vezes, ao mundo do crime, contribuindo, portanto, para o aumento da violência no país.

Conclui-se que a evasão escolar continua sendo um dos maiores desafios a ser enfrentados pela escola, e que somente com muita luta não só da própria escola, mas de todos, incluindo aqui pais, alunos e governo, é que se poderá mudar esse quadro. Uma das soluções criadas pela escola para diminuir os problemas da evasão escolar de sua responsabilidade pode passar pela criação de novos mecanismos didáticos para tentar prender a atenção de jovens e adultos na sala de aula, como por exemplo, mediante o trabalho com projetos inovadores, como também ao conferir uma maior atenção aos problemas desses alunos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. São Paulo – SP: Papyrus LTDA, 1994. Pag.4.
- ARROYO, M. Formar educadores e educadoras de jovens e adultos. In: SOARES, L. (org). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo horizonte, MG: Autêntica/ SECAD-MEC/ UNESCO, 2006, 296p.
- AZEVEDO, F. V. M. **Causas e Consequências da evasão escolar no Ensino de jovens e adultos na escola Municipal “Espedito Alves” – Angicos/ RN**. [200-?]. [S. I.]. Disponível em: <Pt.slideshare.net/Ladjane/artigo-13-presentation> Acesso em: 07 Dez. 2013.
- BISSOLI, A. C. da S.; RODRIGUES, R. M. I. **Evasão Escolar: o caso do Colégio Estadual Antônio Francisco Lisboa**. [S. I.], [200-?]. Disponível em: <http://www.escoladegoverno.pr.gov.br/arquivos/File/artigos/educacao/evasao_escolar.pdf> Acesso em: 12 jan. 2014.
- CARDOSO, C. R. **Tramas do impedimento: os sentidos da desistência entre alfabetizando da educação de jovens e adultos**. [S. I.], [200-?]. Disponível em: <www.cchla.ufrn.br/interlegere/11/pdf/dt05.pdf> Acesso em: 21 jan. 2014.
- CAVALCANTE, M. O que dá certo na educação de jovens e adultos. **Nova Escola**, n. 184, p. 50-57, ago. [S. I.], 2005.
- COELHO, T. **Cultura e educação/Teixeira Coelho** (org.); [autores] Alfons Martineli Sempere... et al. Tradução: Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2011. 144 p.: 23cm
- CORREIA, I. A. H.; BARBOZA, K. G. Vivências de aprendizagem a partir da música. In: **JEZINE, E. (org). Desafios pedagógicos: Práticas Educativas na Escola Básica**. Estadual Antônio Francisco Lisboa. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. 278p.: il
- DALLEPIANE, J. I. Pedagogo da educação de jovens e adultos: ousadia e paixão no ensinar e aprender. In: **SOARES, L. (org). Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte. Autêntica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006, 296P.
- DI PIERRO, M. C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. Visões da Educação de Jovens e **Adultos no Brasil**. Disponível em: <<http://migre.me/izHWB>>. [S. I.], [200-?] Acesso em: 30 jan. 2014.
- DI PIERRO, M.C. Balanço e desafios das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. In: **SOARES, L. et al (org). Convergências e tensões no campo**

da formação e do trabalho docente. ENDIPE, 15. Belo horizonte: Autêntica, 2010, [S.l].

DIGIÁCOMO, M. J. **Evasão Escolar:** não basta comunicar e as mãos lavar. Disponível em: <http://www.mpba.mp.br/atuacao/infancia/artigos/evasao_escolar_murilo.pdf> [S. l.], [200-?] Acesso em: 22 jan. 2014

DIOGO, E. S.; AVILA, M. M.; COSTA, M. N. **Refletindo com Paulo Freire sobre a Evasão Escolar.** Disponível em: <<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2009/artigos/psicologia/salao/601.pdf>> Acesso em: 03 fev. 2014. [S. l.], [200-?]

FERREIRA, L. A. M. **Evasão Escolar.** [200-?]. [S.l.]. Disponível em: <<http://migre.me/izJmV>> Acesso em: 03 fev. 2014.

HENRIQUES, Ricardo. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos.** 2006. [S. l.]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2014.

HENRIQUES, Ricardo; DEFOURNY, V. Prefácio. In: Soares, L. (org). **Formação de educadores de jovens e adultos.** Belo Horizonte, MG. Autêntica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006, 296 p.

MENDONÇA, A. M. S.; PESSOA, A. M.; BEZERRA, M. A. S. de. **Afetividade:** um laço que une educador/educando na educação infantil. In: JEZINE, E. (org). Desafios pedagógicos: Práticas Educativas na Escola Básica. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009. 278 p.

MOTIVOS da Evasão Escolar. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. Abr. 2009. [S. l.]. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/noticias/212/desinteresse-e-o-principal-motivo-da-evasao-escolar-dos-jovens-afirma-pesquisa/>> Acesso em: 15 dez. 2013

MÜLLER, L. de S. **A interação professor-aluno no processo educativo.** Nov.2002. Disponível em: www.usjt.br/proex/arquivos/produtos_academicos/276_31.pdf. [S. l.]. Acesso em: 20 dez 2013.

OLIVEIRA, P. C. S. **Evasão escolar de alunos trabalhadores na EJA.** Faculdade de educação/UFGM. Disponível em: <http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema6/TerxaTema6Artigo10.pdf>. [S. l.], [200-?]. Acesso em: 21 dez. 2013.

PORCARO, R. C. Os desafios enfrentados pelo educador de jovens e adultos no desenvolvimento de seu trabalho docente. **Ecos revista científica**, n. 25, jan.-jun. 2011, p. 39-57 – Universidade Nove de Julho Brasil.

SILVA, V. M. da. **Alfabetização e letramento: contribuições à formação de professores alfabetizadores de jovens e adultos**. [S. l.; S. n]. 2012

SOARES, LEÔNCIO. **Formação de educadores de jovens e adultos**. (Org.: Leôncio Soares). Belo Horizonte: autêntica/SECAD MEC/UNESCO, 2006 296p.

SOUSA, A. A. et al. **Evasão Escolar no ensino médio: velhos ou novos dilemas**. Jan/Abr. 2011. [S.l.]. Disponível em:
<<http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/viewFile/1220/641>> Acesso em: 25 nov. 2013

APÊNDICE 1 – Questionário dos Alunos

Caro(a) aluno(a),

O presente questionário objetiva coletar dados para o meu Trabalho de Especialização em Fundamentos da Educação – que trata das **CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR EM TURMAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**. Se constitui em um trabalho acadêmico de conclusão do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares – UEPB - orientado pela Prof^a. Dr^a. Valdecy Margarida da Silva.

Desde já, agradeço a sua colaboração.

Maria de Lourdes Borges /UEPB

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DA EJA

- 1- Sexo: ()Feminino ()Masculino
- 2- Série que está cursando: _____
- 3- Estado civil: ()Solteiro(a) ()Casado(a) ()Viúvo(a) ()Desquitado(a) ()Outro
- 4- Faixa etária: () 15 a 19 anos () 20 a 29 anos () 30 a 39 anos () 40 a 49 anos () acima de 50 anos
- 5- Trabalha? () Sim () Não
- 6- Nível de renda familiar: () até 700,00 () de 701,00 a 1000,00 reais () de 1001,00 a 1800,00 reais () acima de 1800,00 reais
- 7- É repetente? () Sim () Não
- 8- Porque deixou de frequentar a escola?
- 9- Qual foi a reação dos seus pais ao saberem da sua decisão?
- 10- Por que você voltou a estudar?
- 11- É bem recepcionado pelos funcionários da escola?
- 12- Você gosta da escola que estuda? O que ela deveria fazer para atrair mais os alunos?
- 13- Você deixaria de estudar para trabalhar? Por quê?
- 14- Como você gostaria que fossem as aulas da EJA?

15- Você acha importante estudar? Por quê?

16- Tem um bom relacionamento com os professores? Justifique.

17-Como você considera a merenda de sua escola? () Boa () Regular ()
Ótima

18- O espaço físico de sua escola é: () Bom () Regular () Ótimo

Professor(a),

O presente questionário objetiva coletar dados para o meu Trabalho de Especialização em Fundamentos da Educação – que trata das **CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR EM TURMAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**. Se constitui em um trabalho acadêmico de conclusão do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares – UEPB - orientado pela Prof^a. Dr^a. Valdecy Margarida da Silva.

Desde já, agradeço a sua colaboração.

Maria de Lourdes Borges /UEPB

1. Sexo: ()Feminino ()Masculino
2. Tempo de profissão:

3. Tempo de atuação na EJA:

4. Você faz algum curso (especialização) para trabalhar com a EJA?
5. Quais são as dificuldades que você encontra para trabalhar com as turmas da EJA?
6. Além dos livros didáticos, quais outros recursos você utiliza na EJA?
7. Você considera os recursos didáticos oferecidos pela escola coerentes com a realidade dos alunos?
8. Na sua opinião, por que os alunos evadem da escola?
9. Como é a sua relação com os alunos da EJA?